

## ATIVISMO NO MOÇAMBIQUE MODERNO

Autor: Ernesto Constantino

*Ser ativista em Moçambique é hoje equiparado a um ato de heroísmo, de traição, ou de oportunismo económico. De qualquer das maneiras, nunca é um ato normal. Um moçambicano normal “vive a sua vida” longe da política, “sem se meter em problemas”. Os que se metem e acabam procurando /(e encontrando) problemas têm interesses obscuros. Mas será que é mesmo assim? Nem sempre. Na verdade, o Ativismo em Moçambique é um comportamento social que está por detrás de todos os grandes nomes. Os heróis, os traidores, os bandidos armados, os reacionários, os que são movidos pela mão interna e externa, todos esses são ativistas por uma causa social e coletiva. Se uns e outros gostam da causa, isso não tira valor ao ativismo e ao ativista.*

### Objecto da Nota Informativa

Esta Nota Informativa pretende clarificar os contornos do Ativismo como uma prática social moderna e normal para todo e qualquer cidadão dos estados modernos. É uma contribuição em torno do processo de construção de uma cidadania ativa, e traz como exemplos figuras sonantes do Ativismo moçambicano como Carlos Cardoso, Alice Mabota, Dom Jaime Gonçalves, e Azagaia. Essa figuras mostram que o Ativismo é algo que acontece com cidadãos normais, e não é necessariamente criado por mãos externas/internas, tal como muito gostamos de dizer no país.

### Definição do termo

O Ativismo<sup>1</sup> pode ser entendido como militância ou ação continuada com vista a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta, através de meios pacíficos ou violentos, que incluem tanto a defesa, propagação e manifestação pública de ideias e até a afronta aberta à lei, chegando inclusive à prática de terrorismo.

O que move aos ativistas é a ideia de que eles podem realizar certas mudanças na realidade concreta de uma sociedade. O ativista caracteriza-se por ser um cidadão que se preocupa com a sua comunidade e por isso se envolve nesses movimentos para alcançar os objetivos que se propõem em favor da geração de benefícios sociais. A sua preocupação primordial são os problemas de uma sociedade e propõe soluções para alcançar mudanças, que darão a solução esperada<sup>2</sup>.

O ativismo se refere à ação direta em apoio ou oposição a uma política social ou política de maneira ampla, ou seja, transformação da realidade por meio da ação prática. Trata-se de uma doutrina ou

<sup>1</sup> Ativismo <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ativismo>, extraído a 9 de dezembro de 2023

<sup>2</sup> Ativista <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ativista>, extraído a 9 de dezembro de 2023

argumentação que prioriza a realidade em oposição à vontade puramente teórica. Suas raízes remontam à 1915, quando *ativistas* suecos pediram o fim da neutralidade daquele país na Primeira Guerra Mundial. Outros defendem que os termos *ativismo e ativista*, foram usados pela primeira vez, pela imprensa belga, em 1916, referindo-se ao *Movimento Flamingati*: que lutava para que fossem reconhecidos oficialmente suas línguas oficiais no país, o *neerlandês* (ao norte) e o *francês* (ao sul). Já no sentido filosófico, *ativismo*, pode ser descrito como qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa.

Ativar é um verbo que pode definir tanto uma ação individual quanto vislumbrar a possibilidade de uma ação coletiva. Assim, este conjunto de ações coletivas, realizadas por um grupo de pessoas, dá significado para o sentido de ativismo. Numa abordagem literal, o ativismo é definido como qualquer movimento social, político, económico, ecológico ou mesmo religioso que ocorre para alcançar mudanças. Este tipo de movimento agrupa um grupo de pessoas que se reúnem para protestar contra algo ou pelo contrário porque falam a favor de algo. Refere-se a grupos bem organizados que podem utilizar diferentes formas de protesto e são movidos por diferentes causas para realizar suas atividades. As formas mais comuns pelas quais os ativistas se manifestam são greves, manifestações, propostas de leis ou projetos e palestras sobre tópicos específicos.

O ativismo encontra respaldo legal no artigo 19 da Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH), que defende que *Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, direito este que inclui, o de emitir livremente os seus juízos sem o medo de ser sancionado por isso, o de investigar e de receber informações e opiniões, e o de difundí-las, sem limitações de fronteiras por qualquer meio de repressão* (DUDH).

De realçar que existem vários tipos de ativismo, mas no fundo, todos com o objetivo de mudar forma como a sociedade funciona. Usamos aqui dois tipos de ativismo o ativismo social e ativismo político, por melhor se enquadrarem nos exemplos das figuras mencionadas neste texto. O **Ativismo Social** é entendido como o conjunto de comportamentos observáveis, levados a cabo de forma livre e independente, que têm como objectivo a mudança de uma situação social negativa (Pereira, 2006).

No concernente ao **Ativismo Político**, de referenciar primeiro que, a imprensa por vezes usa o termo Ativismo como sinónimo de manifestação ou protesto. Pode ser sinónimo de militância, principalmente por uma causa política. O **Activista Político**, nesse sentido, é aquele que pratica a militância política, que participa ativamente a favor de um ideal político. Trata-se de um conjunto de ações que determinados indivíduos realizam de forma ampla, dinâmica e entusiástica com o propósito de concretizarem os princípios ideológicos, planos e programas da organização a que pertencem. Caracteriza-se pela participação, iniciativa e entusiasmo de quem assiste às sessões de trabalho, até porque obedece às ordens do grupo dirigente, espalha propaganda, faz proselitismo e colabora em campanhas eleitorais.

Falar da cidadania ativa significa falar da participação popular como possibilidade de criação, transformação e controlo sobre os processos sociais (Benevides, 1991). O exercício da cidadania ativa, nos remete ao conhecimento dos direitos, a formação de valores e atitudes para o respeito aos direitos e a vivência dos mesmos. Nesse sentido, a prática da cidadania ativa não é limitada à luta



pelos direitos humanos, entendidos como aqueles que garantem a dignidade da pessoa independentemente da sua condição de classe social, de raça, de etnia, de género, de opção política, ideológica e religiosa, e de orientação sexual. Como fundamentou Comparato (1999), todos os seres humanos, apesar de inumeráveis diferenças biológicas e culturais que os distinguem entre si, merecem igual respeito como únicos seres no mundo capazes de amar, descobrir a verdade, e criar a beleza. Negar o Ativismo individual é nesta forma de ver negar a própria manifestação da humanidade.

### **O Ativismo individual em Moçambique**

Nesta tentativa refletiva de se repensar na memória coletiva, buscamos diferentes indivíduos que influenciaram a sociedade moçambicana, nomeadamente figuras como Dom Jaime Pedro Gonçalves, Mária Alice Mabota, Carlos Alberto Lopes Cardoso e Edson da Luz (Azagaia). Cada um destes foi de destaque como ativista, mesmo sendo mestres ou proeminentes na sua área de trabalho: religião, advocacia, jornalismo e música. Estas figuras mostram duas coisas: a primeira, que o ativismo é capacidade humana e não de organizações, e segundo, que o ativismo é algo interno de Moçambique, e que não é necessariamente produto de projectos e pessoas financiadas pelo governo, por doadores ou governos estrangeiros. No final, todo o ativismo é de certa forma político, pois tem como objetivo mudar a forma de se organizar as relações de poder na sociedade para beneficiar a um certo grupo. O que muda pode ser o instrumento usado para o ativismo, que pela nossa análise aqui, parece ter muito a ver com as competências técnicas da pessoa.

*Dom Jaime Gonçalves*<sup>3</sup> na qualidade de clérigo, usou a religião como base para sensibilizar a classe política sobre a necessidade da paz como forma de acabar com os horrores humanitários vividos pela família moçambicana. Ele apresenta-se como uma personagem incontestável e simbólica no que se refere ao processo de pacificação em Moçambique. A contribuição de Dom Jaime no processo da construção do Estado, foi mais notória no decurso da guerra civil dos 16 anos, com o seu envolvimento pessoal e em nome da Igreja Católica em sensibilizar o Governo e a RENAMO a abandonarem a guerra. Em 1989, após grandes esforços de lobby e diplomacia política, conseguiu convencer a RENAMO e o Governo Moçambicano a negociarem. Quando as conversações de Paz entre o Governo e a RENAMO começaram em Roma, em julho de 1990, na Comunidade de Sant'Egídio, tornou-se um dos quatro mediadores que facilitaram as negociações.

Dom Jaime Gonçalves fez parte do grupo de líderes religiosos católicos que desde o tempo colonial protestaram contra a exclusão social no país. Para além da sua atuação como facilitador do diálogo político para a paz, foi também pioneiro na descentralização do ensino superior no país, num contexto em que o Governo considerava a abertura de instituições de ensino fora de Maputo uma ameaça à unidade nacional. O que lhe diz ser uma grande figura, foi paradoxalmente o facto de que a paz e o bem-estar social que ele mais almejava para os moçambicanos não ser a prioridade das lideranças políticas no país. Deste modo, Dom Jaime, teve a destreza necessária para entender que, constituem prerrogativas básicas do ser humano que concretizam as exigências da dignidade, da liberdade e da igualdade e que devem fazer parte do direito positivo dos Estados democráticos, como Moçambique, mas que, ainda sem integrar as leis, não deixam de ter sua exigibilidade legitimada.

<sup>3</sup> Ver Dom Jaime Pedro Gonçalves – Curta Biografia CEPCB, <https://cepcb.org.mz/2023/01/12/dom-jaime-pedro-goncalves-curta-biografia-cepcb/>



Por sua vez, e na qualidade de advogada, **Mária Alice Mabota**, é coroada como campeã da luta pelos direitos humanos em Moçambique e a activista mais destacada nesta área no país. O seu percurso na defesa dos Direitos Humanos, iniciou-se no ano de 1993, aquando da sua participação numa conferência de Direitos Humanos em Viena, Áustria, onde permaneceu por 45 dias. No seu regresso ao país, deixou para trás o emprego e a assessoria que prestava a diversas empresas para fundar a Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) em 1999, onde foi presidente durante 25 anos.

Mabota destacou-se na denúncia de violação dos direitos humanos e corrupção que ensombram o país. Liderou várias manifestações em defesa da paz e contra as desigualdades sociais, tendo várias vezes sofrido ameaças. A *Dama de Ferro*, alcunha com que era conhecida na praça por causa da sua defesa aguerrida dos direitos humanos, abdicou de ocupações que tinha na altura e passou a fazer parte do Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ), quando este passou a aceitar que estudantes do segundo ano do curso de direito pudessem ser assistentes jurídicos. Foi assim que se notabilizou na sua vocação pela advocacia dos direitos humanos, por se ter apercebido de que havia tamanha ilegalidade e injustiça contra o povo em Moçambique.

Dos direitos humanos à política, Mabota teve o seu pivot ao mostrar a intenção em 2014, de concorrer à Ponta Vermelha, mas só em 2019 avançou com a candidatura presidencial, tornando-se assim na primeira mulher na corrida ao cargo no país nas eleições gerais que se realizam à 15 de Outubro, em representação da Coligação Aliança Democrática (CAD). Por causa das suas lutas, Mabota, foi distinguida em 2010 pelos Estados Unidos da América (EUA) com o prémio internacional de Mulheres de coragem<sup>4</sup>

Antiga militante da FRELIMO, mostrou-se acérrima mobilizadora do povo para o alcance da liberdade e conquista do direito à terra; por isso, ficava consternada quando o que chamava de *novos colonos* se aponderam de várias extensões de parcelas de talhões de terras com o aval do governo do dia. Mabota, defendia a ideia de se *alcançar a independência em prol das futuras gerações*<sup>5</sup>.

Outro ativista foi **Carlos Cardoso**, que usou o jornalismo como arma de Ativismo. Considerado o melhor jornalista investigativo em Moçambique, foi assassinado no dia 22 de novembro do ano 2000. Carlos Cardoso, armado do Jornal *Metical*, lutou contra as injustiças políticas tanto da alta finança, no roubo dos 14 milhões de dólares do BCM, como da mesquinhez de roubar o espaço e negócio das vendedeiras do mercado central de Maputo sob o pretexto de “modernização”. Cardoso é conhecido pela sua célebre frase *é proibido por algemas nas palavras*.

Sua morte foi um golpe contra o Jornalismo em Moçambique. Paul Fauvet da Agência de Informação de Moçambique (AIM) caracteriza Cardoso, seu primeiro editor, na AIM, como um profissional extraordinário, o que fez dele *uma exceção pelo facto de ser difícil encontrar pessoas das suas qualidades na mesma altura e em pouco tempo*. Carlos Cardoso, nascido na Beira, estudou na África

---

<sup>4</sup> Morreu a moçambicana Alice Mabota, defensora dos direitos humanos, <https://www.voaportugues.com/a/morreu-alice-mabota-defensora-de-direitos-humanos/7307731.html>

<sup>5</sup> *Temos de alcançar a independência em prol das futuras gerações*, <https://verdade.co.mz/temos-de-alcançar-a-independência-em-prol-das-futuras-geracoes-alice-mabota/>



do Sul, de onde foi expulso em 1974 por ter manifestado contra o sistema de *Apartheid*, e iniciou a sua carreira de Jornalista na Imprensa Oficial. Em 1982, ficou preso durante 06 dias por ter escrito um editorial sobre a guerra no país e, em 1992, fundou uma Cooperativa de Jornalistas, a MediaCoop, e o diário MediaFax, a que se seguiria, em 1997, a criação de um novo diário, o Metical.

Pouco antes de ser morto, e em artigos sobre o escândalo financeiros escritos para o Metical Jornal distribuído por Fax e E-mail, Cardoso citara, entre os homens de negócios envolvidos, os nomes de Momad e Ayob Satar, dois irmãos relacionados com o filho de Joaquim Chissano e mais tarde condenados por terem organizado o crime. Com o seu assassinato Mia Couto, afirmara na época, que não morrera somente um Jornalista moçambicano, mas também um pedaço do país. A afirmação de Mia encontra sustentação nos escritos do MISA-Moçambique onde se lê que *o assassinio de Cardoso foi uma das piores manchas da história do jornalismo e governação, e impactou na imagem do país no campo das liberdades de imprensa*<sup>6</sup>.

Um pouco antes do seu assassinato, Cardoso, tinha começado a investigar a tragédia em Montepuez, tornada pública a 10 de Novembro, um caso, em que pelo menos 83 pessoas simpatizantes da RENAMO, detidas numa cadeia em Montepuez, com apenas 21 metros quadrados, morreram por asfixia, depois de ficarem vários dias sem água, nem alimentação (Fauvet & Mosse, 2003).

A música também foi um instrumento de cidadania activa em Moçambique, tendo tido como expoente máximo contemporâneo *Azagaia (Edson da Luz)*. Azagaia, é um *herói dos nossos dias*, e a sua contribuição no processo de construção do Estado em Moçambique, ocorre no período multipartidário, em que com recurso à liberdade de expressão e manifestação artística, aos 23 anos de idade (2007), lança o seu primeiro álbum intitulado *Babalaze* (ressaca em português). Foi com esse projeto que se consagrou como artista de intervenção social, em que nas faixas “*Eu não paro*”, “*As mentiras da verdade*” e “*A marcha*” levanta uma série de questionamento sobre o modelo de governação em Moçambique, que ele considerava estar baseado na corrupção.

Nas “*Mentiras da Verdade*” questionou alguns factos considerados (verdades) inquestionáveis, como a morte de Samora Machel, que a revolução e/ou a luta pela independência não foi feita só de canções e vivas-mas que houve traições, torturas e versões escondidas entre os revolucionários-combatentes, e que Moçambique não é tão pobre quanto parece, mas sim empobrecido. Este conjunto de elementos, fez com que Azagaia convocasse no mesmo álbum, o povo, as camadas desfavorecidas compostas pelos infortunados, ou seja, os desempregados, injustiçados, analfabetos, camponeses, vendedores informais, apartidários, jovens, vítimas do regime para *A Marcha* (Artigo 51), que tinha como objetivo expurgar do poder os ladrões, corruptos e assassinos.

A de Fevereiro de 2008, em função do aumento do custo de vida, a cidade e província de Maputo ficaram paralisadas por um período de três dias por causa de manifestações populares, que levaram ao bloqueio das principais ruas e avenidas. Na sequência, Azagaia lança a música “*Povo no Poder*”, onde cantava que as políticas ineficientes são a causa dos protestos sociais no país. Este facto lhe valeu uma intimação ativista da Procuradoria-Geral da República, que o acusou de incitar a

<sup>6</sup> Moçambique: fez hoje 20 anos que foi assassinado o jornalista Carlos Cardoso” <https://www.rfi.fr/pt/mo%C3%A7ambique/20201122-mo%C3%A7ambique-fez-hoje-20-anos-que-foi-assassinado-o-jornalista-carlos-cardoso>



manifestação e de atentar contra a segurança do Estado. Azagaia exerceu o seu ativismo, criticando através da música e outras intervenções nos media as práticas que impedem o desenvolvimento de Moçambique<sup>7</sup>.

### Considerações finais

Nesta Nota Informativa vimos como indivíduos diferentes puderam usar o seu ativismo para mobilizar massas e lutar pela mudança social em Moçambique. As ações desses homens e mulheres mostra que ser ativo é algo que é partilhado por todos, e não comente por aqueles que lutaram contra o colono ou que lutam contra a “pobreza”. O ativismo é assim uma qualidade de todos os que lutam contra as injustiças, onde e quando elas ocorrem.

Isso contraria a perceção atual em Moçambique de que o ativismo é prerrogativa de um funcionário de uma Organização Não Governamental, vulgo ONG. Nesta forma de ver o ativismo como algo organizado institucionalmente, o ativismo individual, crucial para a mudança social, acaba ficando marginalizado e até negado como comportamento desejável. Com esse esquecimento, o cidadão deixa de se considerar motor do seu destino, e relega a mudança social para terceiros: sejam estes partidos políticos, doadores, ou organizações da sociedade civil e seus representantes.

Quem ganha neste processo são os que querem que continuemos a acreditar que enquanto o cidadão pensar somente em “viver a sua vida” longe da política, “sem se meter em problemas”, é possível ter uma sociedade boa e de bem-estar.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Marcelo. (2010). *A Banalidade do Mal e as Possibilidades da Educação Moral: Contribuições Arendtianas*. In. Revista Brasileira de Educação. Vol 15. n° 43.
- BITTAR, Eduardo C. B. (s/d). *Educação e Metodologia para os Direitos Humanos: Cultura Democrática, Autonomia e Ensino Jurídico*. Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico-metodológicos.
- COMPARATO, Fábio Konder. (2006). *A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos*. SP: Saraiva.
- CORRÊA, Barros de. I. (2021). *O Conceito de Resistência nos escritos genealógicos de Foucault: Um Diálogo com os Principais Críticos*. Alamedas. V. 9. n° 02.
- GRAMSCI, António. (1998). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SILVA, Sóstenes Alberto da (s/d). *Intolerância e Violência: O Desrespeito ao lugar do Outro*.
- KABOU, Axelle. (2013). *E se a África Recusasse o Desenvolvimento?* Mangal de: Pedago. <https://www.Diarioeconomico.co.mz/2020/12/15/a-reencarnacao-de-carlos-cardoso-nao-esta-facil/>. Acessado em 20.06.23.
- FAUVET, Paul, MOSSE, Marcelo. (2003). *É Proibido pôr Algemas nas Palavras*. Disponível em: <https://koha.ucm.ac.mz>, acessado em 20. 06. 23.
- PEREIRA, José Santana. (2006). *Ativismo Social*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa-ISCTE. In. <https://www.researchgate.net/publication/268513444>, acessado em 20.06.23.

<sup>7</sup> Ver a biografia de Azagaia em Azagaia (Edson da Luz) – Curta Biografia CEPCB, <https://cepcb.org.mz/2023/09/21/azagaia-edson-da-luz-curta-biografia-cepcb/>

